



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS  
CURSO DE BACHARELADO EM  
JORNALISMO**

**LETICIA PEREIRA BRITO  
MATHEUS ALVES PORTELA**

**SUBCULTURA EM CENA – DESVENDANDO O UNDERGROUND EM CAMPINA  
GRANDE- PB**

**CAMPINA GRANDE**

**2025**

LETÍCIA PEREIRA DE BRITO  
MATHEUS ALVES PORTELA

**SUBCULTURA EM CENA - DESVENDANDO O UNDERGROUND EM CAMPINA  
GRANDE - PB: Relatório do documentário.**

Relatório do Documentário apresentado ao Curso de Graduação em Comunicação Social do Centro de Ciências Sociais Aplicadas da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo.

**Orientador:** Prof. Dr. Kleyton Jorge Canuto.

**CAMPINA GRANDE  
2025**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto em versão impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que, na reprodução, figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

P843s Portela, Matheus Alves.

Subcultura em cena - desvendando o underground em Campina Grande [manuscrito] / Matheus Alves Portela, Letícia Pereira de Brito. - 2025.

35 f. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Jornalismo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, 2025.

"Orientação : Prof. Dr. Kleyton Jorge Canuto, Departamento de Comunicação Social - CCSA".

1. Subcultura. 2. Resistência cultural. 3. Punk. 4. Ballroom. 5. Comunicação popular. 6. Documentário. I. Título

21. ed. CDD 070.4

MATHEUS ALVES PORTELA

SUBCULTURA EM CENA - DESVENDANDO O UNDERGROUND EM CAMPINA GRANDE

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Coordenação do Curso de Jornalismo da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel em Jornalismo

Aprovada em: 10/06/2025.

BANCA EXAMINADORA

Documento assinado eletronicamente por:

- **Katharine Nobrega da Silva** (\*\*\*.546.124-\*\*), em **19/06/2025 11:39:15** com chave **2c8e631e4d1b11f09f531a1c3150b54b**.
- **Eduardo Gomes Onofre** (\*\*\*.833.914-\*\*), em **19/06/2025 14:09:41** com chave **302870ea4d3011f082201a1c3150b54b**.
- **Kleyton Jorge Canuto** (\*\*\*.938.564-\*\*), em **19/06/2025 11:38:31** com chave **121e008e4d1b11f0a0a21a7cc27eb1f9**.

Documento emitido pelo SUAP. Para comprovar sua autenticidade, faça a leitura do QrCode ao lado ou acesse [https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar\\_documento/](https://suap.uepb.edu.br/comum/autenticar_documento/) e informe os dados a seguir.

**Tipo de Documento:** Folha de Aprovação do Projeto Final

**Data da Emissão:** 26/06/2025

**Código de Autenticação:** ee3015



"A cidade é organização, é injunção a trajetos, a vias, a repartições, a programas, a traçados e a tratados. Do ponto de vista simbólico, entretanto, organização e desorganização se acompanham" (Orlandi, 2004).

## AGRADECIMENTOS

À minha mãe, que é a razão de tudo. Porque antes mesmo de existir este trabalho, existia o desejo de mudar o mundo — e esse desejo nasceu do que aprendi com ela. Se sou quem sou, é por ela. Obrigado por me ensinar a lutar com o coração e a acreditar na potência das pequenas revoluções. À minha irmã, por todo apoio e presença silenciosa que tantas vezes me sustentou sem precisar de palavras. Meu tio Ricky, obrigado pelos ensinamentos e conselhos, espero honrar nossa profissão.

E dedico, com toda a emoção do mundo e coração em saudade, ao meu pai, o grande Valdo Portela, um homem que me ensinou a sempre ter força e que ser forte também é se permitir sentir. E ao meu padrasto, Marcone, que sempre torceu pelo meu sucesso com generosidade. Que ambos estejam orgulhosos de mim lá do céu. Este trabalho também é para vocês.

Aos meus melhores amigos: Neto, por estar sempre ao meu lado, por me ouvir, por me inspirar e por me ensinar tanto com sua forma sensível e comprometida de ver a vida. Gabriel, pela paciência e estímulo para que eu conseguisse ver que eu sempre fui capaz de muito mais. A Tuza, por sempre me fazer rir mesmo quando tudo parecia perdido. Ao Luiz, que me estendeu a mão quando eu mais precisava e me ajudou a encontrar força para seguir e finalizar este projeto. Sua generosidade foi um ponto de virada.

Também a cada um de vocês: Bia, Carioca, Erika, Gabi, Giovanna, Malu, Madu, Jorge, Renan e incontáveis outros que acreditaram tanto no meu trabalho. Vocês me lembraram o tempo todo que eu não estava sozinho e isso fez toda a diferença. Carrego em meu peito a felicidade de ter amigos tão incríveis.

À minha parceira de trabalho e de jornalismo, Letícia Pereira, com quem sempre dividi o pensamento, os questionamentos, os sonhos. E agora, divido também este grande trabalho. Obrigado por estar comigo até o fim.

A Daniel, a melhor pessoa que eu poderia ter ao meu lado durante esse processo. Obrigado por me acolher nos dias difíceis, por me fazer acreditar que tudo daria certo e por ser luz quando tudo parecia escuro.

Ao meu orientador, Kleyton Canuto, que abraçou com tanta sensibilidade e confiança nosso tema, nossas expectativas e nossos processos. Sua escuta e respeito foram essenciais. A todos os professores que cruzaram meu caminho nesta trajetória, mesmo quando foi difícil. Katharine, Jurani, Rafael, Eduardo. Por ouvirem todos meus devaneios e acreditar que eu tenho um potencial que por vezes me passou despercebido. Cada aula, cada provocação, cada gesto de apoio me formou. Se hoje faço esse trabalho com amor e compromisso, é por vocês.

Este trabalho é mais do que um requisito de conclusão: é um gesto coletivo. É feito de vozes, de afetos, de lutas. É também um agradecimento — a todos que me ajudaram a chegar até aqui.

## **AGRADECIMENTOS**

Sempre confiei na educação como uma ferramenta transformadora e de fato, a graduação me transformou. O jornalismo lapidou a minha vida, me forneceu novas formas de enxergar o mundo, de me comunicar e também de encontrar novas formas de fazer comunicação e de sobretudo não desistir.

O trajeto de minha formação foi demasiado longo e até mesmo um pouco mais do que deveria em tese -visto que abandonei o curso por um longo tempo por vivências pessoais - , mas ousou dizer que todo contratempo se torna meramente irrelevante quando nascemos prontos para aquilo que viemos. Eu então, vim na missão de virar as chaves e abrir as portas das oportunidades na academia, nunca abertas antes por nenhum membro da minha família.

Este foi um trabalho em conjunto, construído de forma que hoje eu pudesse ter insumos suficientes para direcionar meu mais profundo agradecimento a todos aqueles que acreditaram em mim, que me motivaram e me ajudaram a atravessar grandes desafios que de forma particular, minha confidente Alexia Talissa, conhece cada um deles e esteve comigo atravessando infortúnios e, dito isto, velha amiga, muito obrigada.

Expresso minha profunda gratidão a todos que contribuíram de forma direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, aos entrevistados que nos receberam e nos doaram o seu tempo suas histórias, seus preciosos acervos de imagens, a meu parceiro de tcc, Matheus Portela por estarmos conectados como uma simbiose desde a metade do curso, rumo as nossas ambições e por ser tão empenhado, autodidata e principalmente meu cúmplice da vida.

Aos professores do curso de Jornalismo, cujos ensinamentos foram essenciais para a construção do pensamento crítico que carrego comigo. Agradeço especialmente ao meu orientador Kleyton Canuto, por aceitar nossa ideia, confiar e vir com toda leveza direcionar os melhores caminhos para o desenvolvimento e produção deste trabalho. Neste departamento pude conhecer mestres e doutores inspiradores e você é um deles.

Por último, mas não menos importante, dedico meu muito obrigada a meu avô, Efigênio, por direcionar meu olhar para o estudo, investir na minha educação e nunca me desamparar desde o início da minha vida junto a minha avó Carmen Lúcia. Agradeço às minhas sobrinhas Elisy e Ellen, por trazer dinamismo a minha vida, enquanto jogam no meu computador, me fazem desenhos para colorir e me assistem cair de sono por ter dormido apenas 2 horas por dia. Almejo o melhor para nossa futura geração de mulheres da nossa família.

A todos, eu sou grata.

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>1.1 OBJETIVO GERAL.....</b>	<b>12</b>
<b>1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:.....</b>	<b>12</b>
<b>2 JUSTIFICATIVA.....</b>	<b>12</b>
<b>3 REFERENCIAL TEÓRICO: CONCEITO DE SUBCULTURAS.....</b>	<b>13</b>
<b>3.1 A CULTURA BALLROOM COMO RESISTÊNCIA E AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA.....</b>	<b>15</b>
<b>3.2 MOVIMENTO ANARCOPUNK.....</b>	<b>17</b>
<b>3.3 O ROCK E HEAVY METAL CAMPINENSE.....</b>	<b>18</b>
<b>3.4 O MOVIMENTO GÓTICO EM CAMPINA GRANDE.....</b>	<b>19</b>
<b>3.5 O RAP DE CAMPINA GRANDE.....</b>	<b>20</b>
<b>3.6 O CENÁRIO ELETRÔNICO ATUAL.....</b>	<b>21</b>
<b>4 A IMPORTÂNCIA DO DOCUMENTÁRIO ENQUANTO LINGUAGEM DE REPRESENTAÇÃO.....</b>	<b>22</b>
<b>5 METODOLOGIA.....</b>	<b>24</b>
<b>6 DETALHAMENTO TÉCNICO.....</b>	<b>25</b>
<b>7 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO.....</b>	<b>26</b>
<b>7.1 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DO ROTEIRO.....</b>	<b>26</b>
<b>7.2 DECUPAGEM DA FOTOGRAFIA.....</b>	<b>27</b>
<b>7.3 FILMAGEM.....</b>	<b>29</b>
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>33</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>34</b>

## RESUMO

O presente trabalho tem como produto central o documentário *Subcultura em Cena – Desvendando o Underground em Campina Grande*, que investiga as expressões culturais de resistência presentes em subculturas urbanas da cidade paraibana. Com 13 minutos de duração, o documentário dá visibilidade a vozes e corpos dissidentes inseridos em cenas como o punk, o eletrônico, o gótico, o rock, o metal, o hip hop e a Ballroom, revelando como essas manifestações constroem sentidos de pertencimento, identidade e enfrentamento simbólico à marginalização social, à cisheteronormatividade e à precarização da vida. A produção audiovisual é sustentada por uma abordagem qualitativa e exploratória, fundamentada em entrevistas semi estruturadas, pesquisa bibliográfica e observação participante. A escolha pelo formato documental não se dá apenas por critérios técnicos, mas como gesto político e ético, comprometido com a escuta sensível e com a valorização de narrativas subalternizadas. Com base em teóricos como Michel Maffesoli (2016), Silvia Rivera Cusicanqui (2018), Bell Hooks (1995), Michel Foucault (1979), Círculo Peruzzo (2023) e Eni Orlandi (2004), o trabalho interpreta essas práticas culturais como formas de resistência que, por meio da estética, da coletividade e da produção simbólica, tensionam os dispositivos normativos e constroem outras possibilidades de viver e comunicar na cidade.

**Palavras chave:** *subcultura; resistência cultural; punk; Ballroom; comunicação popular; documentário.*

## ABSTRACT

The central product of this work is the documentary *Subcultura em Cena – Desvendando o Underground em Campina Grande*, which explores cultural expressions of resistance found within urban subcultures in the city of Campina Grande, Brazil. With a runtime of 13 minutes, the film gives visibility to dissident voices and bodies involved in punk, electronic, goth, rock, metal, hip hop, and Ballroom scenes, highlighting how these manifestations construct senses of belonging, identity, and symbolic resistance to social marginalization, cisheteronormativity, and life precarity.

This audiovisual production is based on a qualitative and exploratory approach, combining semi-structured interviews, bibliographic research, and participant observation. The choice of the documentary format goes beyond technical criteria, serving as a political and ethical act committed to attentive listening and the empowerment of subaltern narratives. Grounded in theorists such as Michel Maffesoli (2016), Silvia Rivera Cusicanqui (2018), Bell Hooks (1995), Michel Foucault (1979), Cecilia Peruzzo (2023) and Eni Orlandi (2004), the study interprets these cultural practices as forms of "re-existence" that, through aesthetics, collectivity, and symbolic production, challenge normative structures and envision alternative ways of living and communicating within the city.

**Keywords:** *subculture; cultural resistance; punk; Ballroom; popular communication; documentary.*

## 1 INTRODUÇÃO

No cenário urbano contemporâneo, subculturas e movimentos underground emergem como fenômenos sociais carregados de significados, disputas simbólicas e identidades em constante transformação. A obra *Cidade dos Sentidos*, de Eni Orlandi, oferece uma perspectiva crucial para compreendermos como os discursos se articulam no espaço urbano, moldando as formas pelas quais os sujeitos significam e ressignificam suas existências. A cidade, assim, deixa de ser entendida apenas como um espaço físico e passa a ser concebida como um campo simbólico onde sentidos são produzidos, tensionados e apropriados. Nesse contexto, Campina Grande se destaca como território fértil para o surgimento e a resistência de subculturas que, mesmo diante das forças homogeneizadoras da cultura mainstream, constroem formas alternativas de viver, criar e ocupar a cidade.

As subculturas, enquanto expressões culturais e sociais, manifestam-se por meio de práticas como poesia falada, música, dança, grafite, vestuário e outros códigos visuais e sonoros que dialogam com as condições sociais e econômicas dos sujeitos que as compõem. Stuart Hall (1992) argumenta que os meios de comunicação não apenas oferecem imagens de outros grupos sociais, mas também veiculam representações ideológicas que moldam a forma como as classes populares compreendem a si mesmas. Nesse sentido, as subculturas se tornam espaços de contestação e reconstrução simbólica, ao propor narrativas alternativas à lógica dominante.

Hall (1992) também observa que a experiência codificada nas subculturas é moldada em uma variedade de locais, cada qual impondo suas próprias estruturas, regras e significados. Essas múltiplas territorialidades ficam evidentes nas diferenças entre os grupos — seja na estética, nos valores ou nas formas de interação social —, compondo um mosaico identitário que transforma o cotidiano urbano em um território de expressão, resistência e criação.

As subculturas não devem ser vistas como manifestações marginais ou periféricas ao tecido social, mas como produções legítimas que atuam nos circuitos simbólicos de resistência e pertencimento. Este trabalho se concretiza na realização do documentário *Subcultura em Cena – Desvendando o Underground em Campina Grande*, que tem como objetivo principal dar visibilidade às dinâmicas de

significação, identidade e enfrentamento simbólico presentes nos movimentos underground da cidade. Através da linguagem audiovisual, busca-se compreender e representar como essas expressões culturais interferem na configuração simbólica do espaço urbano.

### **1.1 OBJETIVO GERAL**

Realizar uma investigação sobre como é composto o cenário underground de Campina Grande, Paraíba, com o intuito de produzir um documentário das diversas formas de expressão artística e social presentes nesse meio. O projeto buscará compreender como essas manifestações contribuem para a construção da identidade cultural da cidade, interpretando as nuances do underground campinense, captando sua relevância no tecido cultural e social de Campina Grande, Paraíba.

### **1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:**

- Mapear as principais manifestações artísticas e sociais do underground campinense.
- Entender o papel das subculturas na construção da identidade cultural de Campina Grande.
- Observar os desafios enfrentados pelas expressões culturais underground no contexto social e comercial atual.
- Propor estratégias para a valorização e reconhecimento das manifestações underground na cidade.

## **2 JUSTIFICATIVA**

A escolha deste tema se justifica pela relevância que o cenário underground tem na formação cultural e social de Campina Grande, PB. Esta pesquisa tem o intuito de direcionar o olhar para essa 'cena', permitindo uma observação crítica dos acontecimentos e manifestações artísticas sociais que atravessam décadas e gerações e compõem o tecido urbano da cidade. A cultura underground, muitas

vezes vista como uma contracultura, desafia os padrões normativos e conhecidos pela sociedade, representando uma voz alternativa e essencial na diversidade cultural.

Ao estudar esses eventos e expressões fora da esfera *mainstream*, destacamos a importância e a relevância de compreender essas dinâmicas culturais que, embora por vezes marginalizadas ou incompreendidas, são ricas em significado e possuem seu impacto social. Essa investigação não apenas contribui para o reconhecimento e a valorização dessas manifestações, mas também promove um entendimento mais amplo sobre como as subculturas influenciam e são influenciadas pelo contexto maior em que estão inseridas.

A pesquisa sobre o underground em Campina Grande é fundamental para desvendar as camadas ocultas da cultura urbana e para apreciar a complexidade das interações sociais que moldam a identidade da cidade, revelando as formas de expressão artísticas dentro do mosaico cultural da região. A utilização do documentário como produto midiático opera como um meio de registro e visibilidade dessas expressões culturais, oferecendo uma contranarrativa às representações estigmatizadas comumente veiculadas pelos meios de comunicação tradicionais. Por meio da escuta sensível e da linguagem audiovisual, o projeto cumpre o papel social do jornalismo ao dar voz a sujeitos historicamente silenciados, ao mesmo tempo em que se insere no circuito da cultura como um gesto estético, político e de memória.

### **3 REFERENCIAL TEÓRICO: CONCEITO DE SUBCULTURAS**

A construção de subculturas urbanas representa uma forma de contestação simbólica aos modelos hegemônicos de estética, comportamento e consumo. Como subprodutos da cultura de massa, essas manifestações operam por meio de um mecanismo de resignificação e resistência, sobretudo em contextos de exclusão econômica, racial ou de gênero. O punk, como uma das subculturas mais emblemáticas do século XX, surge no final dos anos 1970 como uma resposta ao desemprego juvenil, à violência estatal e à homogeneização cultural promovida pelo capitalismo tardio.

Para Dick Hebdige, autor do livro *Subculture: The Meaning of Style*,

O estilo na subcultura está, então, repleto de significado. As suas transformações vão ‘contra a natureza’ interrompendo o processo de ‘normalização’. Como tal, são gestos, movimentos em direção a um discurso que ofende a ‘maioria silenciosa’, que desafia o princípio da unidade e da coesão, que contradiz o mito do consenso. (1979, p.18, tradução nossa)

É possível então acreditar que tais subculturas se formam quando grupos marginalizados assumem signos culturais — vestimentas, gírias, sons — e os reconfiguram como linguagem de resistência. Segundo o autor, “a subcultura não é apenas um estilo, mas uma afronta à ordem dominante” (HEBDIGE, 1979). O visual punk (com alfinetes, jaquetas rasgadas, cabelo moicano e coturnos) não é apenas estética, mas um gesto político. No Brasil, esse gesto ganha contornos ainda mais densos ao se articular com contextos periféricos, disputas territoriais e desigualdade estrutural.

De acordo com Maffesoli (1998), a juventude contemporânea encontra nas chamadas “tribos urbanas” um espaço de pertencimento simbólico e afetivo. Em suas palavras: “A constituição de microgrupos, das tribos que pontuam a espacialidade se faz a partir do sentimento de pertença, em função de uma ética específica e no quadro de uma rede de comunicação”. Ainda citando Maffesoli (1988), o autor compreende tais grupos como coletivos fluidos, agregados por afinidades eletivas, onde a dimensão estética adquire status de linguagem política. No caso da subcultura punk, o corpo se transforma em uma mídia: a tatuagem, o corte de cabelo, o modo de andar ou de falar são elementos que codificam uma crítica social encarnada.

Além disso, autores como Silvia Cusicanqui (2018) e Bell Hooks (2019) contribuem para expandir a compreensão da resistência estética a partir de lugares subalternos. Enquanto Cusicanqui (2018) pensa a colonialidade do ver, denunciando como os corpos andinos são sistematicamente estetizados e apagados, Hooks (2019) analisa a estética como lugar de disputa racial e de gênero, onde o corpo negro e feminino é historicamente lido como o “outro” da norma estética branca, cis e burguesa. Transpondo essas leituras para a cena punk brasileira, torna-se urgente investigar como os marcadores sociais da diferença atravessam a vivência subcultural — quem pode ou não performar um estilo alternativo? De onde vêm os corpos que o compõem?

No contexto das mídias digitais, as subculturas contemporâneas — como as ligadas à estética punk-rock, à moda alternativa ou à cena *ballroom* — encontram nas redes sociais espaços para reafirmação de suas identidades, narrativas e modos de existência. Essa dinâmica pode ser compreendida a partir da perspectiva da comunicação popular e comunitária.

Na palavras de Peruzzo (2023):

Nessa perspectiva, a era digital, além de reforçar as experiências tradicionais existentes da Comunicação Popular, Comunitária e Alternativa, também possibilita criação de novos espaços de comunicação, exclusivamente online, que ajudam a ampliação do universo de iniciativas de comunicação cidadã. (2023, p.27)

Peruzzo (2023) aponta, então, para a apropriação contra-hegemônica das tecnologias digitais por sujeitos historicamente marginalizados. Mesmo diante das limitações impostas pela lógica comercial e algorítmica das plataformas, essas comunidades criam estratégias de visibilidade e resistência, reafirmando laços coletivos e práticas colaborativas que se aproximam das experiências comunicacionais populares. Assim, as subculturas nas redes não apenas expressam um estilo de vida alternativo, mas também tensionam o espaço digital com práticas comunicativas que desafiam os padrões dominantes, mantendo a essência comunitária, participativa e contestadora que caracteriza a comunicação popular.

É importante retomar Foucault (1979), especialmente em sua reflexão sobre o poder disciplinar e a normatização dos corpos. Segundo o filósofo, o poder moderno não age mais apenas pela repressão, mas pela produção de subjetividades dóceis e úteis. A subcultura, nesse contexto, funciona como um “ruído” na maquinaria da normatização: ela é o desvio.

### **3.1 A CULTURA BALLROOM COMO RESISTÊNCIA E AFIRMAÇÃO IDENTITÁRIA**

A cultura *Ballroom*, originada nas comunidades negras e latinas LGBTQIA+ de Nova York nas décadas de 1960 e 1970, emergiu como uma resposta à exclusão sistêmica enfrentada por esses grupos em espaços sociais e culturais dominantes. Crystal LaBeija, uma drag queen afro-americana, foi uma das pioneiras ao criar um

espaço onde pessoas marginalizadas pudessem expressar suas identidades de forma autêntica e segura.

No Brasil, a cultura *Ballroom* tem se expandido e se adaptado às realidades locais, especialmente nas periferias urbanas. Esses espaços funcionam como refúgios para corpos dissidentes, oferecendo não apenas uma plataforma para performances artísticas, mas também redes de apoio emocional e social. Em São Paulo, por exemplo, essa cena tem fortalecido a cultura LGBTQIA+ nas periferias, proporcionando ambientes onde a expressão de gênero e sexualidade é celebrada e respeitada. A estrutura das "*houses*" (casas) dentro da cultura *Ballroom* brasileira desempenha um papel crucial na construção de comunidades alternativas. Essas casas funcionam como famílias escolhidas, lideradas por "*mothers*" e "*fathers*", que oferecem suporte e orientação aos membros. Essa dinâmica é especialmente significativa para jovens que enfrentam rejeição familiar devido à sua identidade de gênero ou orientação sexual.

Além disso, a cultura *Ballroom* no Brasil tem se mostrado um espaço de inovação e inclusão, com a criação de categorias específicas para pessoas transmasculinas e não-binárias. No evento "Festival do Brilho" realizado em Campina Grande, por exemplo, foram introduzidas categorias como "Non-Binary Face" e "Transmasc Face", reconhecendo e valorizando a diversidade de expressões de gênero presentes na comunidade.

A cultura *Ballroom* no Brasil tem se consolidado como um espaço de resistência e promoção da saúde mental para pessoas LGBTQIA+, especialmente aquelas que enfrentam múltiplas formas de marginalização. Um estudo realizado por Pinho, Lima e Monteiro (2024)<sup>1</sup> investigou o impacto dessa cultura na vida de seus participantes nas cidades de Teresina e Parnaíba, no Piauí. Utilizando entrevistas narrativas não estruturadas e análise temática, os autores identificaram que a participação nesse ambiente proporciona apoio social, construção de vínculos afetivos e oportunidades de autodesenvolvimento. Esses elementos atuam como fatores de proteção contra as discriminações raciais, sexuais e identitárias, fortalecendo a saúde mental dos envolvidos. O estudo conclui que a cultura *Ballroom* representa um movimento de resistência que promove redes de solidariedade e bem-estar psicológico entre seus participantes.

---

<sup>1</sup> "Eu sinto que a Ballroom me catapultou": práticas de resistência e de promoção de saúde mental LGBTQIA+. (2024). *Revista Brasileira De Estudos Da Homocultura*, 7(22). [periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/15375](http://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/rebeh/article/view/15375)

Portanto, essa cultura no Brasil representa uma subcultura dinâmica que combina performance artística, resistência política e construção comunitária. Ela oferece um espaço onde identidades marginalizadas podem ser expressas e celebradas, desafiando normas sociais e criando novas formas de pertencimento e solidariedade.

### **3.2 MOVIMENTO ANARCOPUNK**

O movimento anarcopunk em Campina Grande surgiu entre os anos 1980<sup>5</sup>, e possuía em sua linha de frente jovens inconformados com o sistema político e social da época e acabaram fortalecendo uma cena completamente anarquista, se opondo ao sistema conservador. Inspirado por princípios libertários, o anarcopunk campinense combinava música, estética e militância. Grupos como o Movimento Anarco-Punk (M.A.P.), e coletivo CARCARÁ, organizaram manifestações, feiras, rodas de leitura e eventos musicais. A existência de zines como a OSMOSE, facilitavam a comunicação dentro da cena e as formas de espalhar as informações e novidades sobre bandas, eventos locais entre os grupos e jovens interessados, e eram feitas de maneira colaborativa e a distribuição era gratuita.

A estética agressiva conflitava com o conservadorismo local e era também uma ferramenta de comunicação visual e simbólica. Conflitos com skinheads e forças ditadoras reforçaram essa identidade de enfrentamento do grupo nos arredores da cidade. Nas palavras de Orlandi (2004): “a cidade é organização, é injunção a trajetos, a vias, a repartições, a programas, a traçados e a tratados. Do ponto de vista simbólico, entretanto, organização e desorganização se acompanham”.

Nosso entrevistado, o professor Sóstenes Lopes, contou sobre sua vivência em Campina Grande, onde experienciou como um jovem garoto nos anos 80, participando ativamente de uma geração de jovens considerados rebeldes e que fizeram parte de eventos pontuais, desde a formação de grupos pioneiros, shows em locais públicos, como a famosa praça Clementino Procópio — ponto de encontro de vários grupos underground da cidade — a criação de Zines, onde participou diretamente no processo de produção e distribuição das mesmas e a experiência de compartilhar discos de música entre os participantes da cena.

### 3.3 O ROCK E HEAVY METAL CAMPINENSE

Durante os anos 1980<sup>2</sup>, Campina Grande também foi palco de uma de uma movimentação relevante para a cena do metal. Bandas como Ostia Podre, Stomachal Corrosion e a Mortífera Mag — esta composta exclusivamente por mulheres — foram pioneiras em ocupar bares da cidade e praças centrais como as apresentações que reuniram amantes do metal e de outros movimentos alternativos. Estes eventos fomentavam a convivência entre tribos distintas e favoreciam o fortalecimento da identidade jovem urbana. A estética dos metaleiros — marcada por casacos de napa (devido às baixas condições de adquirir uma peça de couro legítimo), roupas pretas, braceletes com pregos feitos de forma artesanal e botas — comunicava um sentimento de inconformismo e orgulho marginal caótico. O metal, como expressão musical e comportamental, configurava uma forma de resistência cultural frente à padronização da indústria do entretenimento mainstream.

O rock na cidade sempre se manteve vivo, ocupando praças e bares como Ypiranga, Bar do Vitrola, Lemmy Rock Bar, The Pub Rock Bar e atualmente, grupos locais tem se destacado consideravelmente por fortalecer e movimentar de forma ativa o underground em Campina, movidos pelo espírito de coletivização e busca de diversas formas de criação de forma livre e espontânea, além da ocupação dos espaços públicos como a ‘Praça da Morgação’, — como é popularmente conhecida a Praça Cel. Antônio Pessoa — como por exemplo a banda “Zepelim e o Sopro do Cão”, com uma proposta autoral e alternativa, promovendo um evento nomeado ‘Farofa Na Praia de Campina’, que mobiliza um público considerável de jovens e adultos amantes do rock. A aura energética da banda reflete tanto nas atitudes do grupo quanto em suas músicas e produções visuais e seu som mistura hardcore, punk, ska, rap e ritmos regionais, que refletem vivências urbanas do interior do Nordeste e seu folclore.

Em 12 de janeiro de 2024, lançaram o primeiro disco<sup>3</sup>, ‘Caranguejo de Açude’, produzido por Billy Costa no Estúdio The Bridge, com coprodução de Dedé Guima.

---

2 RADIOLA DE FICHA, EP 5: *Memórias do Underground I, com Alúcio Guimarães* (2020). Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/39e3rv6Sj4ixONYh7QUhfV?si=0e597c4500594474>.

3 Acesso: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/54yfnPbQIYF49b8aN8k9dR?si=vT6R5iZLS3KagSzdeIRORA>

### 3.4 O MOVIMENTO GÓTICO EM CAMPINA GRANDE

Conhecidos nos anos 1980 como "Darks", os góticos campinenses formavam um grupo de visual fúnebre e espiritualmente introspectivos e melancólicos. Com roupas pretas, acessórios improvisados e uma postura melancólica, caminhavam de igual com as demais expressões underground da cidade. O gótico era menos combativo que o punk, possuíam uma natureza mais pacífica, mas era igualmente contestadora, colocando em cena uma crítica ao mundo moderno, expressando de forma política e sentimental a partir da arte, como a literatura e a música.

Atualmente, bandas como Noturna Régia<sup>4</sup> e Mãos Fúnebres<sup>5</sup> mantêm viva a cena gótica local, inspirados pela onda sonora do Darkwave, Post-Punk e fortes influências dos anos 80, promovem eventos no underground como discotecagens no London Pub, The Pub Rock Bar, Arca Titão, Bar do Japa, além de lançarem produções independentes como Demos, CDs e videoclipes, disponíveis em plataformas como Youtube e Spotify. Essa permanência dessas expressões demonstra a capacidade do *underground* campinense resistir não ao tempo, mas à cultura de massa pré existente na cidade e reafirmar uma identidade para além de um visual, que apesar de advir de uma estética bastante expressiva e atualmente seu dress code ser facilmente encontrado em lojas de departamento e fast fashion, possui uma postura política e identitária.

Cada membro que se identifica com essa cena e está imerso nela, conhece o conceito da subcultura gótica desde suas raízes na Inglaterra no final dos anos 70, sua musicalidade, sua arte e sua literatura. As letras de suas músicas carregam uma poesia melancólica e potente, bem escritas que estimulam nosso imagético e sensorial, como podemos conferir em um trecho de 'Anjos caídos' da banda gótica campinense Noturna Régia<sup>6</sup>:

“O toque da donzela, o som do violino  
O aroma das dalias, o sabor do absinto  
Prazeres ofertados por um mundo corrompido  
Não sabem porque lamentam, os mortos ou os vivos  
Anjos caídos, perdidos na madrugada

4 Acesso: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/26VIBPqmqLj3XDgmPX6Yn0?si=fTp67EhQTvyp62RV-WgkqQ>

5 Acesso: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/1MykWAudkUskGpYWWzswUZ?si=tMeagidnTbmTzM-8uQY-E>

6 Acesso: <https://open.spotify.com/intl-pt/track/075pvPCPIt3ZOWsxfR9FDx?si=8beeeeb8d0cd04d60>

### Anjos caídos, suas asas ceifadas”

A estética visual é de fato algo indispensável para se expressar, pois ela dialoga com o mundo externo acerca de uma autenticidade ímpar sobre se caracterizar com maquiagens não convencionais, cabelos propositalmente assanhados, meias rasgadas e customizadas e, no quesito customização este é um ponto muito relevante na subcultura gótica pois ela valoriza a autenticidade e estimula a criatividade através do D.I.Y e a partir do baixo consumo de peças de fast fashion, valorizando o consumo consciente e engajado em brechós locais.

Campina possui dentro da cena gótica não somente artistas musicais, mas também artesãos que fabricam peças autênticas e únicas com produção local. Anna Flávia é uma artesã campinense, CEO da Escorpianny<sup>7</sup> que fabrica peças completamente manuais, seu nicho é moda gótica de fabricação slow fashion, e atende um público diverso de jovens e adultos que desejam usar peças autênticas, agênero e feitas a mão, como bolsas, chokers, harness, cintos e desejam compor seu visual fortalecendo a produção local e independente. Atualmente, possui um site ativo para venda de acessórios alternativos e distribuição para todo o mundo.

### 3.5 O RAP DE CAMPINA GRANDE

O Hip-Hop surgiu em Campina Grande no início dos anos 2000 como instrumento de denúncia social e afirmação identitária. Artistas como Repper Fiel, Rimaél e Head Li foram pioneiros ao abordar em suas letras temas como desigualdade, violência urbana e preconceito regional. Aqui a música se conecta diretamente com a vida nas periferias e com a realidade dos cidadãos periféricos da cidade, elevando críticas sociais pertinentes ao campo de visão de quem deve atender a comunidade.

Atualmente, nomes como Robsom MC<sup>8</sup> e Chuck Mc<sup>9</sup> seguem representando o rap de forma ativa, engajada e política. Um importante registro sobre a história do Rap pode ser visto no vídeo documentário “Rap em Campina Grande”, disponível no YouTube<sup>10</sup>, onde Robsom traça um panorama histórico e artístico do gênero na

7 Acesso: [www.escopianny.com](http://www.escopianny.com)

8 Acesso: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/2HiXSO6Cb6ObIrtLt47iAZ?si=TuqJTNB8RqOcnA7qvipVNO>

9 Acesso: <https://open.spotify.com/intl-pt/artist/3eQXidstSbXbSFj3ZokEel?si=ZZVFmmNDSou8XWdUHGHPFw>

10 “Rap em Campina Grande”. Canal Robsom Mc, YouTube. Acesso: <https://youtu.be/49XRv8ktPzY>

cidade. O hip hop carrega um conjunto de artes visuais como o grafite, dança e a música.

Orlandi menciona que

“A cidade tem assim o seu corpo significativo. E tem nele suas formas. O rap, a poesia urbana, a música, os grafites, pichações e inscrições, outdoors, painéis, rodas de conversa, vendedores de coisa-alguma, são formas do discurso urbano. É a cidade produzindo sentidos.” (2004, p. 31)

Dentro desse movimento, são organizadas batalhas de rap semanais que são distribuídas por vários bairros da cidade, como: Bairro do Pedregal, Liberdade, Bodocongó, Centro e demais localidades ao redor da Cidade. A batalha mais popular é a Batalha das Quebradas, que acontecem todas às terças-feiras, no Centro da cidade e em locais estratégicos, ocupando parques, praças e também teatros municipais. A batalha das quebradas é uma espécie de integração de jovens rappers, poetas, artistas, grafiteiros e membros da comunidade, para que possam expor seus trabalhos de suas autorias, fomentar uma dialética partida de problemas sociais e dentro desse próprio grupo, se mobilizam em eventuais edições de batalhas beneficentes para fins de atender demandas de comunidades carentes.

### **3.6 O CENÁRIO ELETRÔNICO ATUAL**

A música eletrônica em Campina Grande também configura um importante capítulo da cultura underground local. Mesmo com dificuldades para se manter, aceitando tocar em lugares que cedem espaços de forma pouco lucrativa ou sem nenhum, a cena é mantida viva por DJs, produtores e coletivos independentes que promovem festas e encontros em locais alternativos, como casas de shows —em eventos maiores e mais organizados— espaços emprestados, galpões e espaços adaptados e bares como London Pub, Lunática, 285, Quintal do Tenebra.

Desde sua origem, a cena eletrônica é marcada pela colaboração, com artistas compartilhando equipamentos, dividindo tarefas e produzindo e divulgando seus próprios eventos de forma autônoma. Essa logística dentro desta comunidade, permitiu que a música eletrônica se mantivesse viva como alternativa cultural e espaço de experimentação sonora.

Nomes como Anelles<sup>11</sup>, Dawn<sup>12</sup> e Sunyata<sup>13</sup>, movimentam a cena eletrônica local, inspirados por elementos sonoros do *psy trance*, *dark psy*, também se organizam de forma similar as raves europeias em lugares não convencionais, estimulando a produção de visuais autênticos do público e por se tratar também de um evento bastante receptivo ao público LGBTQIA+, a comunidade se sente livre para montar seus visuais, lançar performances desfilando suas Drags, a cena eletrônica tem sua relevância por contribuir diretamente para a permanência de um movimento contracultura vivo e receptivo a um público diverso.

#### 4 A IMPORTÂNCIA DO DOCUMENTÁRIO ENQUANTO LINGUAGEM DE REPRESENTAÇÃO

A adoção do formato documental neste projeto responde diretamente à complexidade do objeto em questão: subculturas urbanas que se afirmam pela dissidência estética e política. Diante disso, o documentário se mostra não apenas como uma escolha técnica, mas como uma ferramenta sensível e ética para dar visibilidade a corpos, espaços e vivências silenciadas pela lógica dominante dos meios de comunicação tradicionais.

No contexto deste trabalho, que envolve práticas culturais marginais como o punk e a cena *Ballroom*, o documentário permite transitar entre o registro e a interpretação, construindo uma narrativa que valoriza a presença, a escuta e o gesto político de mostrar.

Bill Nichols (2010) destaca que,

“Literalmente, os documentários dão-nos a capacidade de ver questões oportunas que necessitam de atenção. Vemos visões (fílmicas) do mundo. Essas visões colocam diante de nós questões sociais e atualidades, problemas recorrentes e soluções possíveis. O vínculo entre o documentário com o mundo histórico é forte e profundo. O documentário acrescenta uma nova dimensão à memória popular e à história social.” (2010, p.26)

11 Acesso: [https://soundcloud.com/anellesv?utm\\_source=clipboard&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=social\\_sharing](https://soundcloud.com/anellesv?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing)

12 Acesso: [https://soundcloud.com/dawnxt?utm\\_source=clipboard&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=social\\_sharing](https://soundcloud.com/dawnxt?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing)

13 Acesso:

[https://soundcloud.com/sunvatapsv/sunvata-nectar-175bpm-master-by-chaotichermit?utm\\_source=clipboard&utm\\_medium=text&utm\\_campaign=social\\_sharing](https://soundcloud.com/sunvatapsv/sunvata-nectar-175bpm-master-by-chaotichermit?utm_source=clipboard&utm_medium=text&utm_campaign=social_sharing)

É reforçada então essa ideia que os documentários operam com um compromisso público em relação ao real. Eles formulam enunciados sobre o mundo que nos cerca, e, portanto, assumem também uma responsabilidade ética na forma como representam seus sujeitos. Essa dimensão é essencial neste trabalho, uma vez que a câmera é colocada a serviço da escuta e não da imposição — uma escuta que busca compreender os códigos, resistências e linguagens que emergem das margens urbanas.

No Brasil, Fernão Ramos (2001) argumenta que o documentário deve ser compreendido como um campo próprio de linguagem, que se singulariza pela maneira como lida com a presença na tomada e com a relação de compromisso com o mundo retratado. Para ele, o documentário é constituído por asserções sobre a realidade, que podem ser analisadas como enunciados com valor discursivo e político. A força do documentário reside, portanto, em sua capacidade de conjugar o momento da filmagem com a densidade da vida que se deixa ver diante da câmera.

A essa abordagem cabe destacar a passagem de Vivian Sobchack (1992):

“Além disso, a experiência cinematográfica inclui o espectador perceptivo e expressivo, que deve interpretar e significar o filme como experiência, fazendo isso por meio das mesmas estruturas e relações de percepção e expressão que informam o discurso representacional indireto do cineasta e o discurso representacional direto do filme.” (1992, p.9)

Propõe então pensar o documentário como uma experiência vivida — tanto por quem filma quanto por quem assiste. A câmera não apenas registra, mas encarna uma forma de presença, tornando-se um elo entre o sujeito filmado e o espectador.

Por fim, o trabalho se ancora também na proposta de Michael Renov (1993), que define o documentário como uma linguagem multifuncional, capaz de registrar, expressar, argumentar e provocar reflexão. É essa multiplicidade que o torna tão adequado a este projeto: uma abordagem que não se contenta em mostrar, mas que deseja provocar deslocamentos no olhar, no escutar e no sentir.

Ao eleger o documentário como meio expressivo, este projeto não apenas se aproxima das práticas estéticas das próprias subculturas abordadas — marcadas pelo improvisado, pela espontaneidade e pela autonomia criativa —, como também propõe um modo de ver que rompe com o distanciamento tradicional da observação

científica. Aqui, olhar é se implicar, e o documentário é o meio pelo qual essa implicação se torna visível, sensível e compartilhável.

## 5 METODOLOGIA

Este projeto utiliza uma abordagem qualitativa, com caráter exploratório e descritivo, voltada à investigação de expressões culturais de resistência das subculturas em contextos urbanos periféricos. A pesquisa combina levantamento bibliográfico, observação participante e produção audiovisual documental, buscando compreender como essas manifestações operam como formas de enfrentamento simbólico às opressões sociais e modos de afirmação identitária.

A produção audiovisual consistirá em um documentário com duração estimada de 13 minutos, estruturado a partir de entrevistas semiestruturadas com pessoas pertencentes às cenas underground de Campina Grande. O trabalho retrata as vivências e os espaços da cultura *Ballroom*, do rap/hip-hop e da música eletrônica, além de incluir o depoimento de um professor, Sóstenes Lopes, que resgata memórias das primeiras manifestações do underground na cidade, refletindo sobre as transformações históricas e culturais desses territórios de resistência.

Foram priorizados sujeitos que atuam de forma ativa em coletivos autônomos, casas *Ballroom*, bandas, eventos independentes e espaços de acolhimento e criação cultural. O recorte territorial abrange regiões periféricas da cidade de Campina Grande-PB, com atenção às especificidades locais e interseccionalidades de classe, raça, gênero e sexualidade.

A cultura *Ballroom* foi contemplada por meio de performers de vogue e organizadores de balls. A cultura do rap/hip-hop será evidenciada por meio de imagens captadas em manifestações artísticas de versos performados por MCs em batalhas de rap, revelando a potência política e poética dessa linguagem. Já a cena da música eletrônica será retratada por meio de filmagens realizadas em eventos voltados ao gênero, destacando sua estética sonora e sua função agregadora nos circuitos alternativos da cidade.

A metodologia buscará respeitar os códigos e protocolos próprios dessa comunidade, priorizando a escuta sensível e a autorização ética dos interlocutores. A presença de categorias de gênero não normativas e a importância das redes de afeto e pertencimento serão temas centrais, especialmente no que diz respeito à saúde mental, autocuidado coletivo e disputa simbólica por visibilidade.

A estrutura narrativa do documentário foi construída a partir da justaposição dos depoimentos, imagens documentais e trechos poéticos performáticos, utilizando técnicas como o plano detalhe, plano fechado e colagens visuais.

## **6 DETALHAMENTO TÉCNICO**

A etapa de filmagem foi inteiramente viabilizada com recursos pessoais, exigindo da equipe uma gestão criativa e estratégica dos equipamentos disponíveis. A captação de imagem contou com o uso de uma câmera fotográfica Canon i3 equipada com lente Canon 50mm, de posse de Matheus Portela, e com um celular Samsung Galaxy S24 Ultra, cuja capacidade de gravação em 8K e alto desempenho em ambientes de baixa luminosidade foram decisivos para a qualidade e versatilidade do material audiovisual.

A escolha entre os equipamentos foi realizada com base nas condições de luz e no tipo de enquadramento desejado. Durante as entrevistas diurnas, realizadas em ambientes controlados, a Canon i3 foi utilizada, garantindo maior profundidade de campo e uma estética visual mais refinada. Já em ambientes noturnos, espaços com luz colorida e cenas amplas, o Samsung Galaxy S24 Ultra apresentou melhor desempenho, especialmente por sua capacidade de estabilização e adaptação à variação luminosa, mantendo a integridade da imagem mesmo em condições adversas.

A captação de áudio também foi realizada com recursos próprios, utilizando o gravador de som nativo do celular e um par de microfones de lapela da marca H'Maston, modelo MK-10. Essa combinação permitiu registrar falas com clareza, mesmo em ambientes externos ou com ruído de fundo, otimizando a inteligibilidade dos depoimentos sem comprometer a espontaneidade das falas.

Todo o processo de filmagem e captação de áudio foi conduzido diretamente pelos alunos responsáveis pelo projeto, que se dividiram nas funções de câmera, som e direção de cena. Essa dinâmica colaborativa garantiu autonomia criativa à equipe, além de reforçar o caráter experimental e independente da produção, em sintonia com os princípios das próprias subculturas retratadas.

## 7 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO

### Produção

Inicialmente, o projeto estava estruturado em duas propostas distintas: uma idealizada por mim e outra por Letícia. Apesar de separadas, ambas partiam de um mesmo ponto de interesse: o universo das subculturas urbanas e expressões do mundo underground. A partir do reconhecimento dessa afinidade temática — sobretudo em relação à centralidade da música, da estética e das práticas contra hegemônicas —, compreendemos que unir as ideias seria não apenas viável, mas potencializador do resultado final.

A decisão de desenvolver o trabalho de forma colaborativa foi também uma resposta às exigências do próprio objeto de estudo, que demanda sensibilidade para capturar dimensões afetivas, visuais e sonoras. Com isso, optamos pela realização de um documentário audiovisual como principal produto do projeto. Acreditamos que o formato documental permitiria uma imersão mais densa no cotidiano e nas expressividades das cenas que investigamos, oferecendo ao espectador uma experiência mais próxima da atmosfera dessas subculturas.

O audiovisual, neste contexto, não funciona apenas como meio de registro, mas como linguagem que se articula com a própria estética dos grupos retratados. Tendo em vista que tanto a subcultura punk quanto a cena *Ballroom* mobilizam códigos visuais, corporais e sonoros próprios, o formato documental se revelou o mais adequado para traduzir essas potências de forma ética, sensível e criativa.

### 7.1 PLANEJAMENTO E EXECUÇÃO DO ROTEIRO

#### Decupagem das Cenas do Roteiro

##### CENA - EXTERNAS:

Cenas de performances underground, público, vida noturna e cartazes de shows.

##### CENA - SÓSTENES LOPES:

PLANO 1 - Entrevista com o professor Sóstenes Lopes introduzindo o underground em Campina Grande, relatando experiências do passado.

PLANO 2 - Imagem da praça Clementino Procópio.

PLANO 3 – Imagens de show de Rock no bar Toca do Rato

#### **CENA - BALLROOM E JAY IMPÉRIO:**

PLANO 1 - Imagens dos participantes da Ball em sequência.

PLANO 2 - Entrevista com a Jay Império, falando sobre a criação do festival do brilho e a importância para a comunidade e acesso de novos espaços.

PLANO 3 - Cenas das oficinas que foram realizadas dentro da Arena.

PLANO 4 – Jay Império relatando sobre a importância do apoio financeiro da secretaria de cultura de Campina Grande.

#### **CENA - HIP HOP:**

PLANO 1 – Cenas de recitação de versos no Baile da Arca

PLANO 2 – Sophia explica sobre a importância da participação do público no baile.

PLANO 3 – Poeta MC Babi recita versos de sua criação autoral.

#### **CENA - ELETRÔNICA:**

PLANO 1 - Imagens da WitchRave London Pub com sonora do DJ Dawn contando sobre a experiência do seu trabalho nessa cena.

PLANO 2 - Imagens da BratEXP com sonora do DJ Dawn contando sobre a experiência do seu trabalho nessa cena.

## **7.2 DECUPAGEM DA FOTOGRAFIA**

CENA – SÓSTENES LOPES / UFCG / HORÁRIO – 16HRS

C	P	HR	DESCR. PLANO	EQUIP.	OBS.
SÓSTENES	1	T = T	PM	50mm	“Relato sobre como os integrantes dos grupos de underground se reuniam em Campina Grande.”
EXTERNA	2	T = T	Plano Geral Extremo	50mm	“Imagens da Praça Clementino Procópio.”
EXTERNA	3	N = N	Plano Geral	50mm	“Imagens de show no bar Toca do Rato”

EXTERNA	4	N = N	Plano Geral	ACERVO	“Imagens cedidas pela banda Zepelim e o Sopro do Cão em um de seus shows.”
---------	---	-------	-------------	--------	--

CENA – BAILE DO BRILHO / ARENA TONHÃO - MALVINAS / HORÁRIO – 18HRS

C	P	HR	DESCR. PLANO	EQUIP.	OBS.
BAILE DO BRILHO	1	N = N	Plano Geral	50mm	“Cenas do desfile dos integrantes do festival”
JAY IMPÉRIO	2	N = N	Plano Geral	50mm	“Relato sobre a história do <i>Ballroom</i> .”
JAY IMPÉRIO	3	N = N	PM	50mm	“Relato sobre a ideia e intenção do Festival do Brilho”
EXTERNA	4	N = N	Plano Geral	50mm	“Integrantes do Festival realizando oficina de desfile dentro da Arena.”

CENA – BAILE DA ARCA / ARCA TITÃO / HORÁRIO – 18HRS

C	P	HR	DESCR. PLANO	EQUIP.	OBS.
MC	1	N = N	Plano Geral	50mm	“MC recitando versos.”
SOPHIA	2	T = T	Plano Geral	50mm	“Relato sobre a importância do evento do Baile da Arca e a intenção da participação.”
EXTERNA	3	N = N	Plano Geral	Samsung Galaxy S24 Ultra	“Exibição da Arca Titão com o público em festa.”
MC Babi	4	N = N	Plano Geral	50mm	“MC Babi recitando criação autoral”
EXTERNA	5	N = N	Plano Geral	50mm	“Crianças da comunidade observando uma das integrantes da batalha desenhar em seu caderno.”

## CENA – WITCHRAVE-BRATEXP / LONDON PUB / HORÁRIO – 21HRS

C	P	HR	DESCR. PLANO	EQUIP.	OBS.
WITCHRAVE	1	N = N	Plano Geral	50mm	“Imagens do evento WITCHRAVE com sonora de DJ Dawn relatando sobre a importância do cenário e recepção.”
BRATEXP	2	N = N	Plano Geral	Samsung Galaxy S24 Ultra	“Imagens do evento WITCHRAVE com sonora de DJ Dawn relatando sobre a importância do cenário e recepção.”

### 7.3 FILMAGEM

As filmagens de cenário ocorreram ao longo de quatro meses, durante a realização de eventos ligados à cena underground na cidade de Campina Grande. Esses registros buscaram capturar a ambiência estética e sonora própria dessas manifestações culturais, como shows, encontros e ocupações organizadas por coletivos locais. Antes da realização de cada filmagem, foi estabelecido um acordo prévio com os artistas e com os responsáveis pelos estabelecimentos para autorização do uso das imagens, informando que o material seria utilizado como parte de um Trabalho de Conclusão de Curso. Todos os envolvidos foram comunicados da finalidade acadêmica da produção e autorizaram a captação audiovisual, respeitando-se o espaço e a dinâmica dos eventos.

As entrevistas principais foram realizadas em diferentes momentos e locais, de acordo com a disponibilidade e as condições dos entrevistados. A entrevista com a banda Sopro do Cão ocorreu na residência de um dos integrantes, uma vez que o mesmo se encontrava com a perna imobilizada e impossibilitado de se deslocar no período. A escolha pelo ambiente doméstico favoreceu uma atmosfera mais confortável e espontânea durante a gravação. No entanto, problemas técnicos identificados na pós-produção comprometeram severamente o áudio do material,

tornando-o praticamente inutilizável na edição final. Apesar disso, a banda colaborou com acervo pessoal de fotografias e vídeos, os quais foram utilizados como elementos de transição e enriquecimento visual, garantindo que suas contribuições simbólicas e estéticas não fossem apagadas do documentário.

No dia 8 de fevereiro de 2025, foi realizada a filmagem do Baile da Arca, evento em que a cena do rap se manifestou politicamente contra o abandono dos espaços públicos pela prefeitura. Nesse contexto, destaca-se a fala da MC Babi, artista que atua também como poetisa e cuja performance contribuiu para valorizar a potência simbólica e crítica do rap local.

Já no dia 12 de abril, foi realizada a entrevista com a Jay Império durante o Festival do Brilho, ocasião em que foi possível aprofundar a imersão na cena *Ballroom*. Na oportunidade, foram registradas tanto a entrevista quanto a oficina de desfile ofertada ao público e os desfiles que ocorreram ao longo do evento, ampliando o repertório audiovisual sobre a performance e os modos de organização coletiva dessa cultura.

Por fim, a entrevista com o professor Sóstenes Lopes foi gravada nas dependências do Departamento de Arte e Mídia da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG), onde ele leciona. O ambiente acadêmico foi cuidadosamente escolhido por representar, simbolicamente, o vínculo entre o universo underground e o campo institucional da arte e da comunicação.

Apesar dos esforços realizados ao longo da produção, não foi possível obter entrevistas ou registros atualizados com integrantes das vertentes gótica, punk e headbanger da cidade. Foram feitas tentativas de contato com representantes desses grupos, mas, por conta de desencontros de agenda e, em muitos casos, ausência de resposta, a inserção direta dessas vozes no documentário se tornou inviável. Como forma de suprir essa lacuna e manter a representatividade histórica dessas cenas, foram utilizadas imagens de acervo gentilmente disponibilizadas pelo professor Sóstenes Lopes, que contribuíram para contextualizar visualmente esses segmentos dentro da narrativa proposta.

Também foi possível o acesso a fotos de reprodução de acervo do site Retalhos Históricos de Campina Grande, onde foi possível conseguir imagens de décadas anteriores.

Em todas as situações, os termos de autorização de uso de imagem e som foram previamente esclarecidos com os entrevistados ou fornecedores de acervo,

que consentiram de forma voluntária e consciente com a participação no projeto e a utilização do material gravado para fins acadêmicos. O cuidado com a comunicação clara e ética foi um aspecto central do processo de produção, em alinhamento com os princípios de escuta, respeito e responsabilidade que orientaram todo o trabalho.

## HORÁRIOS

**Quarta-Feira (19/03/2025)** – Entrevista Banda Sopros do Cão

Tarde: 16hrs.

**Segunda-Feira (31/03/2025)** – Entrevista Professor Sóstenes Lopes

Tarde: 16hrs

**Sexta-Feira (11/04/2025)** – Entrevista Jay Império

Noite: 18hrs.

**Figura 1:** Bastidores de entrevista com o professor Sóstenes Lopes



Realizada no Departamento de Arte e Mídia na UFCG, o professor está sentado em sua sala frente à uma estante com câmeras enquanto a câmera o filma de frente.

Fonte: Fotografia produzida pelo autor utilizando celular.

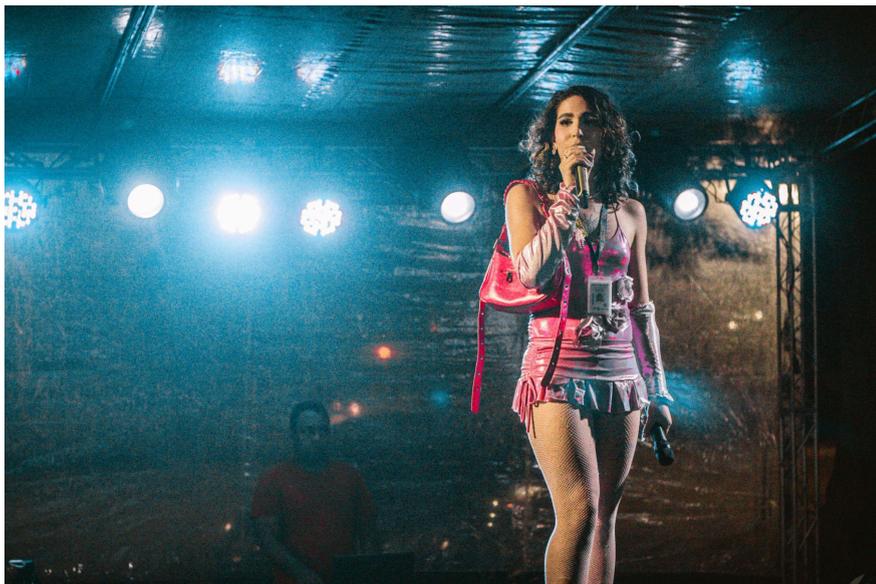
**Figura 2:** Roda de Rappers reunidos para batalha



Realizado no bairro do Pedregal, podemos ver quatro participantes da batalha conversando pouco antes do início do evento.

Fonte: Fotografia produzida pelo autor utilizando celular.

**Figura 3:** Jay Império no Baile do Brilho



Realizado na Arena Tonhão no Bairro das Malvinas, a artista está no palco relatando a importância daquele evento para a cultura campinense.

Fonte: Fotografia produzida pelo autor utilizando celular.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho se propôs a investigar e documentar as diversas formas de expressão artística e social presentes no cenário underground de Campina Grande, buscando compreender como essas manifestações contribuem para a construção da identidade cultural da cidade. Através da produção de um documentário e da pesquisa teórica, procuramos dar visibilidade a subculturas como o punk, a cena *Ballroom*, o rap, e os movimentos do rock, metal, gótico e eletrônico, reconhecendo sua importância enquanto práticas de resistência e afirmação identitária.

A pesquisa revelou a riqueza e a complexidade do underground campinense, demonstrando como esses grupos utilizam a música, a estética, a dança, o grafite e outras formas de expressão para tensionar normas sociais, construir laços de pertencimento e ocupar o espaço urbano de maneira criativa e contestadora. O documentário, enquanto ferramenta metodológica, mostrou-se eficaz para captar a energia e a diversidade dessas cenas, valorizando a escuta atenta e o registro sensível das vozes e dos corpos que as protagonizam.

Acreditamos que este trabalho contribui para um maior reconhecimento e valorização das subculturas em Campina Grande, evidenciando seu papel fundamental na dinâmica cultural da cidade. Além disso, esperamos que a pesquisa

possa estimular novos estudos e ações que promovam a inclusão, a diversidade e o acesso à cultura, fortalecendo o cenário underground e suas redes de apoio.

Por fim, ressaltamos a importância da produção colaborativa e do uso criativo de recursos, que permitiram a realização deste projeto de forma autônoma e independente. Acreditamos que essa experiência reforça o potencial do jornalismo em dar voz a narrativas marginais e em construir pontes entre a academia e as manifestações culturais da cidade.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO JÚNIOR, Carlos Ferreira de. **A hora da vingança: astúcia e experiência anarcopunk nas cidades de Campina Grande-PB e João Pessoa-PB** (1988-2006). Universidade Estadual da Paraíba, 2006. Disponível em: <https://dspace.bc.uepb.edu.br/jspui/handle/123456789/2561>. Acesso em: 12 maio 2025.

BIBLIOTECA ANARQUISTA. **Anarco-punk no Nordeste: experiências de Campina Grande e João Pessoa**. Disponível em: <https://bibliotecaanarquista.org/library/rogerio-nascimento-anarco-punk-no-nordeste>. Acesso em: 12 maio 2025.

CUSICANQUI, Silvia Rivera. **Ch'ixinakax utxiwa: uma reflexão sobre práticas e discursos descolonizadores**. Tradução de Fernando Tadeu Moraes. São Paulo: n-1 edições, 2018.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 1979.

HEBDIGE, Dick. **Subculture: the meaning of style**. London: Routledge, 1979.

HOOKS, Bell. **E eu não sou uma mulher? Mulheres negras e feminismo**. Tradução de Heloisa Toller Gomes. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1995.

MAFFESOLI, Michel. **O tempo das tribos: o declínio do individualismo nas sociedades pós-modernas**. 6. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2016.

NICHOLS, Bill. **Introdução ao documentário**. Tradução de Maria Helena Pinho. 2. ed. Campinas: Papirus, 2010.

ORLANDI, Eni. **Cidade dos sentidos: a imagem urbana e o silêncio**. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2004.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. **Comunicação popular, comunitária e cidadania: perspectivas contemporâneas**. São Paulo: Intercom, 2023.

PUCCHINI, Sérgio. Documentário: trajetória e perspectiva. In: PRATA, Nilo Odália; LIMA, Wilson Roberto (Orgs.). **Comunicação & cultura nas dobras do contemporâneo**. São Paulo: Annablume, 2007. p. 57–70.

RAMOS, Fernão Pessoa. O que é documentário? In: RAMOS, Fernão Pessoa; CATANI, Afrânio (Orgs.). **Estudos de cinema: SOCINE 2000**. Porto Alegre: Sulina, 2001. p. 192–207.

RENOV, Michael. **Theorizing documentary**. New York: Routledge, 1993.

SOBCHACK, Vivian. **The Address of the Eye: a phenomenology of film experience**. Princeton: Princeton University Press, 1992.

**ROBSOMMC**. Rap em Campina Grande. YouTube, 2022. Disponível em: <https://youtu.be/49XRv8ktPzY>. Acesso em: 12 maio 2025.